

SAÚDE MENTAL E TRABALHO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE FUNCIONÁRIOS ADMITIDOS E DESLIGADOS DE UMA EMPRESA DO MEIO-OESTE CATARINENSE

Tânia Aparecida Stefanês*
Scheila Beatriz Sehnem**

RESUMO

O tema “trabalho” tem despertado interesse de pesquisadores, haja vista que entender o significado do trabalho, na perspectiva dos trabalhadores, tem-se mostrado um desafio para as organizações. Considerando a relação entre homem e trabalho, nesta pesquisa teve-se como objetivo verificar o nível de saúde mental entre ingressantes e desligados de uma empresa do Meio-Oeste catarinense, bem como identificar o conceito de trabalho atribuído por esse público-alvo. Participaram da pesquisa 20 colaboradores de uma empresa, entre eles os 10 primeiros admitidos e os 10 primeiros desligados do mês de março de 2014. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados entrevista com roteiro semiestruturado e teste psicológico QSG, de autoria de Goldberg. Os resultados indicam que a saúde geral dos entrevistados está comprometida, principalmente no fator desejo de morte; os ingressantes se encontram mais suscetíveis ao desenvolvimento de problemas psíquicos quando comparados à amostra de desligados. Quanto ao conceito de trabalho, o ganho financeiro foi a categoria que predominou em ambas as amostras. Os resultados indicam a necessidade de planos de ações, os quais garantam as melhorias necessárias em nível organizacional, visando à retenção da força de trabalho, principalmente no processo de seleção. Palavras-chave: Saúde mental. Trabalhador. Conceito de trabalho.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho simboliza algo importante para a construção da subjetividade e da identidade do indivíduo, sendo o meio que possibilita a formação de uma rede de relacionamento com as pessoas, na qual o sujeito se sente parte integrante de um grupo, assim como “[...] para ter um sentimento de vinculação, para ter algo para fazer, para evitar o tédio e para se ter um objetivo na vida.” (MORIN, 2001, p. 9).

Desse modo, pode-se considerar que o trabalho ocupa grande parte do tempo dos trabalhadores, com jornadas longas e poucas horas destinadas ao descanso e ao lazer (JARDIM; RAMOS; GLINA, 2010). Os novos modelos de gestão nas organizações enfocam, sobretudo, a produtividade e a lucratividade; assim, a relação entre homem e trabalho sofreu alterações nos últimos tempos, trazendo efeitos significativos sobre o modo de pensar, sentir e perceber o trabalho (UCHIDA; LANCMAN; SZNELWAR, 2010).

Tais transformações despertaram a atenção de pesquisadores das áreas afins. No entanto, a busca pelo significado do trabalho, enquanto foco de pesquisa, no campo da Psicologia Social e do Trabalho, é algo relativamente recente e, segundo Borges e Tamayo (2001), estudos com ênfase nesse contexto começam a se concretizar por volta da década de 1980. Quando se busca entender a acepção do trabalho na vida das pessoas, têm-se, assim, em nível internacional, como referência, as pesquisas realizadas pela equipe de

* Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; taniastefanes@yahoo.com.br

** Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; scheila.sehnem@unoesc.edu.br

investigação Meaning of Working (MOW) entre sete países (EUA, Japão, Alemanha, Bélgica, Israel, Iugoslávia e Holanda), nos anos 1981 a 1983, assim como os estudos realizados por Morin em 2001.

No que se refere aos estudos que buscam compreender a relação entre trabalho e saúde mental, estes tiveram início nos anos 1950 por meio das pesquisas de Lê Guillant (1954) e Silvadon (1952, 1957) acerca das afecções mentais que poderiam ser decorrentes do trabalho (VASCONCELOS; FARIA, 2008, p. 453). Na década de 1980, Christophe Dejours descreve sobre a “Psicodinâmica do Trabalho”, uma nova teoria que aponta a relação existente entre trabalho e sofrimento psíquico (DEJOURS, 1992).

Jacques (2003) infere que trabalho e saúde ou doença mental têm sido foco de interesse de pesquisadores, isso em virtude do aumento significativo de transtornos mentais e dos comportamentos relacionados ao trabalho que se evidenciam nas estatísticas. Nesse contexto, Vasconcelos e Faria (2008, p. 453) afirmam que: “A organização do trabalho pode se apresentar como fator de fragilização mental dos indivíduos, o que torna as organizações como parte responsável pela Saúde Mental de seus integrantes.”

Além do aumento do registro de doenças físicas e psicológicas relacionadas ao trabalho, pode-se inferir que as inovações tecnológicas e o aumento do capitalismo fizeram com que as pessoas e as organizações se amoldassem no intuito de atender à nova dinâmica do mercado mundial. Tais mudanças influenciaram diretamente a saúde mental dos trabalhadores, uma vez que “[...] as práticas de Saúde Mental nas organizações coexistem com uma pressão por produtividade crescente, num ambiente extremamente competitivo, no qual o indivíduo deve estar sempre pronto para mudar e se adaptar às demandas do mercado.” (VASCONCELOS; FARIA, 2008, p. 454).

Assim, o objetivo geral com este artigo foi verificar o nível de saúde mental de ingressantes e desligados de uma organização, bem como compreender o significado que os trabalhadores atribuem ao seu trabalho.

Esta pesquisa apresenta relevância científica para a comunidade, haja vista que se denotam trabalhadores insatisfeitos com o que fazem, apresentando comportamentos que indicam desesperança e apatia. Tais comportamentos podem operar sobre o aparelho psíquico, resultando em transtornos mentais e do comportamento, levando o trabalhador a se afastar de suas atividades laborais.

A relevância social da pesquisa se deve ao fato de se buscar compreender se o trabalho simboliza algo importante para a construção da subjetividade e da identidade dos trabalhadores que estão ingressando e dos que estão se desligando da empresa.

1.1 SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR

No Brasil, a Psicologia do Trabalho surgiu a partir dos avanços técnico-industriais do século XX, pois com o início da industrialização as organizações necessitavam de pessoas habilitadas para o trabalho em indústrias (CARVALHO, 1999).

Assim, a Psicologia do Trabalho pode ser denominada como a área que busca compreender a organização em aspectos relacionados ao trabalho, considerando a interação entre as pessoas e a organização, de modo a intervir com objetivos estratégicos que possam preservar e restabelecer o bem-estar do trabalhador (ZANELLI; BASTOS, 2004).

Segundo Zanelli e Bastos (2004, p. 484, grifo do autor), “O foco de interesse em compreender e lidar com as questões que relacionam o *comportamento humano e o trabalho (emprego/tarefas)* constitui o subcampo denominado Psicologia do trabalho.” Assim, esse campo busca compreender como a qualidade do trabalho está intrinsecamente relacionada aos aspectos pessoais e sociais, bem como à maneira na qual o trabalho está organizado. Nas organizações, a Psicologia “[...] contribuiu para a adaptação dos trabalhadores aos ditames da produção a fim de obter máxima produtividade.” (LEÃO, 2012, p. 295).

Em suma, a Psicologia do trabalho colabora para uma melhor adequação dos trabalhadores em seu ambiente laboral, fazendo “[...] parte de um conjunto de saberes e práticas psicológicas que servem preponderantemente ao avanço do comércio e da indústria. Trata-se de saberes/poderes voltados a disciplinar e normatizar corpos dos trabalhadores.” (LEÃO, 2012, p. 295).

Uchida, Lancman e Sznelwar (2010, p. 191) afirmam que “O campo da saúde mental e do trabalho estuda as inter-relações entre o trabalho, os processos de adoecimento psíquico e o impacto do trabalho na saúde mental dos indivíduos.”

No entanto, correlacionar os determinantes entre o trabalho e as doenças ou transtornos mentais não se resume em uma tarefa fácil, haja vista que se trata de um processo de diagnóstico (JARDIM; RAMOS; GLINA, 2010). Partindo desse constructo, Jardim, Ramos e Glina (2010, p. 50) inferem que “Os transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho podem ser definidos como aqueles determinados pelos lugares, tempo e ações do trabalho.”

Os mesmos autores apontam que as atividades laborais não trazem apenas efeitos sobre o corpo do sujeito, acarretando disfunções e lesões biológicas, como também podem trazer efeitos significativos sobre o psíquico do trabalhador, isto em virtude das “situações de trabalho” em que é oferecido (JARDIM; RAMOS; GLINA, 2010).

Jardim, Ramos e Glina (2010) apontam que, segundo os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 30% da população trabalhadora é diagnosticada com algum transtorno mental menor, e de 5 a 10%, com um transtorno mais grave. O Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), em 2002, apontou, por meio dos benefícios concedidos, que as doenças mentais e do comportamento estão entre os quatro maiores grupos de causas que resultam em benefícios fornecidos a trabalhadores segurados no Brasil. Inference-se, ainda, que segundo os dados epidemiológicos, estima-se que no âmbito das doenças mentais os episódios depressivos e o estresse estejam entre os mais estudados entre a população trabalhadora (JARDIM; RAMOS; GLINA, 2010).

Quanto à atuação da organização no processo de trabalho e saúde ou doença mental, Fernandes et al. (2006) apontam que: “Tal organização produz efeitos sobre o corpo do trabalhador, passando pelo psíquico, onde é imposto certo modo de funcionamento, certa modelagem à luz das demandas, conteúdo e exigências da lógica do modo de produção.”

2 METODOLOGIA

Para este estudo utilizou-se o método de caráter descritivo, que, segundo Gil (2010, p. 27), “[...] tem como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre as variáveis.”

A pesquisa foi realizada durante as duas primeiras semanas do mês de março de 2014 e contou com a participação de 20 colaboradores de uma empresa do Meio-Oeste catarinense, sendo estes os 10 primeiros admitidos e os 10 primeiros desligados.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado, que consistiu em sete questões, com o intuito de obter informações sociodemográficas dos sujeitos, bem como a definição do conceito de trabalho. Além disso, sobre o público-alvo do estudo foi aplicado o teste psicológico Questionário de Saúde Geral (QSG) de Goldberg (1996), visando obter o nível de saúde mental dos sujeitos. A coleta de dados ocorreu na empresa em questão, em sua forma individual, durante as entrevistas de contratação e de desligamento, utilizadas como prática da própria organização. Antes da realização da coleta de dados, foi entregue a cada sujeito um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi devidamente assinado, permanecendo uma cópia com o sujeito e outra com a pesquisadora.

O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Oeste de Santa de Joaçaba e aprovado sob o Protocolo n. 491.183.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A partir da aplicação do teste Questionário de Saúde Geral (QSG) de Goldberg (1996) e da entrevista semiestruturada, foi possível verificar e descrever o perfil sociodemográfico, o conceito de trabalho e o nível de saúde mental dos sujeitos envolvidos. A seguir são apresentadas categorias de análise a partir das características predominantes do público-alvo desta investigação.

3.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

A presente pesquisa envolveu a participação de vinte (20) colaboradores de uma empresa do Meio-Oeste catarinense, entre estes os 10 primeiros admitidos e os 10 primeiros desligados do mês de março de 2014. Na Tabela 1 evidenciam-se as características gerais dos sujeitos pesquisados.

Tabela 1 – Características gerais dos sujeitos

Características	Admitidos	Desligados	Total
Sexo			
Feminino	7	7	14
Masculino	3	3	6
Idade			
18 a 28 anos	8	8	16
29 a 38 anos	1	1	2
39 a 48 anos	1	1	2
Escolaridade			
Fundamental incompleto	1	3	4
Fundamental completo	-	2	2
Ensino médio incompleto	4	2	6
Ensino médio completo	4	3	7
Técnico incompleto	1	-	1
Tempo de empresa			
Até 1 mês	10	2	12
4 a 6 meses		2	2
1 a 2 anos		3	3
2 a 3 anos		2	2
3 a 5 anos		1	1
Primeiro emprego			
12 a 15 anos	5	5	10
16 a 19 anos	5	5	10

Fonte: os autores.

Conforme exposto na Tabela 1, o sexo feminino correspondeu ao total significativo da amostra (14), o que segundo o Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (2013) é mister afirmar que com a urbanização, reflexo da adoção de tecnologias e da industrialização cada vez mais avançada, cresceu a participação da mulher no mercado de trabalho, consolidando-se um novo perfil para o gênero feminino, em que novas oportunidades surgem em meio a um mercado de trabalho competitivo, fazendo com que as mulheres abandonem os postos de donas de casa e busquem novas oportunidades. Os dados disponibilizados pelo Ministério do Trabalho, com base na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (2012), vem ao encontro dos dados apresentados, pois em 2012 as mulheres aumentaram sua participação no mercado de trabalho, atingindo 42,47% da força de trabalho.

A faixa etária que se destacou na amostra gira em torno dos 18 aos 28 anos; essa parcela corresponde às pessoas pertencentes à geração Y, as quais possuem características, valores e estilos pertencentes a essa amostra, pois costumam ser impulsivos em suas tomadas de decisões. Ladeira, Costa e Couto (2013) afirmam que o interesse pessoal e o crescimento profissional é característica marcante desses profissionais, tornando-os mais suscetíveis à mudança de emprego, quando este não corresponde às expectativas, haja vista que para essa geração trabalho tem que ser sinônimo de prazer.

No que se refere à escolaridade, o ensino fundamental e o ensino médio (completo e incompleto) lideraram a amostra, tal resultado vai novamente ao encontro dos dados publicados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2013, p. 7) realizada no segundo trimestre de 2013, a qual evidenciou que: “[...] entre as pessoas em idade de trabalhar, 41% não tinha completado o ensino fundamental e 40,3% haviam concluído pelo menos o ensino médio.” Desse modo, pode-se inferir que, embora os cursos de graduação estejam mais acessíveis, há uma parcela da sociedade que ainda, mesmo que por motivos particulares, conta apenas com o ensino oferecido pela rede de ensino público. Além disso, vale ressaltar que as pessoas que participaram da pesquisa pertenciam ao cargo operacional, o qual não exige nível de ensino superior como pré-requisito.

Quanto ao tempo de empresa, denota-se que sete dos 10 desligados saíram com menos de dois anos de empresa, dado que reflete a rotatividade enfrentada pelas empresas, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, realizada no quarto trimestre de 2013, a qual apresenta que no Brasil a taxa de desocupação, na qual se consideram pessoas que durante a realização da pesquisa se encontravam desempregadas, foi de 6,2%. Embora o índice tenha diminuído, quando comparado aos anos anteriores, ainda é um dado que chama a atenção, principalmente em razão de essa taxa apresentar um patamar elevado, correspondente a 13,1%, entre os jovens de 18 a 24 anos de idade, dado que veio ao encontro dos resultados desta pesquisa, pois dos 10 desligados seis encontravam-se nessa faixa etária.

O ingresso no mercado de trabalho é algo significativamente importante na vida das pessoas e configura-se como um processo complexo que compõe a chamada transição para a vida adulta (CAMARANO, 2006). De acordo com a amostra desta pesquisa, observa-se que, de maneira geral, todos iniciaram sua carreira profissional, em sua maioria, em emprego informal, desde muito cedo, o que para Camarano (2006) não é algo surpreendente, haja vista que os jovens se inserem no mercado de trabalho com vínculos ocupacionais mais frágeis e transitórios e somente mais tarde alcançam empregos estáveis e duradouros.

3.2 CONCEITO DE TRABALHO

Mattos e Chaves (2006) e Mosquera (2004) afirmam que, de modo geral, o significado do trabalho na vida das pessoas relaciona-se ao meio de sobrevivência, que permite suprir as necessidades básicas. Em estudo realizado por Fernandes, Gonçalves e Oliveira (2012) a respeito dos significados atribuídos ao trabalho para estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas, infere-se que em sua maioria o trabalho é visto como fonte de realização pessoal, que permite ao sujeito se sentir realizado e, ao mesmo tempo, desafiado a atualizar suas aptidões e habilidades. Confirmando tal resultado, Coda e Falcone (2004), em suas pesquisas realizadas com uma amostra de executivos, asseveram que o trabalho assume significado importante na vida das pessoas, sendo sinônimo de realização pessoal. Contudo, são inúmeras as variáveis existentes quanto à atribuição ao significado do trabalho no que se refere à esfera individual. Na Tabela 2 é apresentado o conceito de trabalho, por categorias de análise, de acordo com os significados atribuídos pelos sujeitos pesquisados, visto que, na grande maioria das respostas, mais de uma categoria foi observada.

Tabela 2 – Conceito de trabalho

Categorias de significados atribuídos ao trabalho	Admitidos (AD)	Desligados (D)
Aprendizagem	1	
Bem-estar físico e mental	3	1
Ganho financeiro	7	10
Crescimento profissional	1	

Fonte: os autores.

Quando questionados sobre o significado do trabalho em suas vidas, a categoria que mais apareceu nas verbalizações dos sujeitos foi o significado do trabalho atrelado ao ganho financeiro, a qual contemplou 17 sujeitos da amostra, entre estes sete AD 10 D. Vale ressaltar que algumas respostas eram acompanhadas por outro elemento que complementava tal significado, como se evidencia no relato a seguir de AD2 “[...] eu acho que ninguém vive sem trabalhar, pelo menos eu acho, não tem como viver financeiramente, não cai do céu, a gente precisa trabalhar porque precisa do dinheiro, porque mora em um país capitalista.” (informação verbal). Verificou-se também, ao longo dos relatos, a acepção do trabalho remetendo-se a uma questão de sobrevivência, que está diretamente vinculada ao ganho financeiro. Tal fato se comprova por meio da fala de D1: “Trabalho é uma forma da gente sobreviver, né, porque sem trabalhar não tem como a gente sobreviver.” (informação verbal). Vale ressaltar que todos os sujeitos da amostra de desligados relacionaram o significado do trabalho ao ganho financeiro. Mosquera (2004) confirma tal resultado ao afirmar que o salário influencia definitivamente a permanência ou não do trabalhador, haja vista que garante a sobrevivência ou a busca por melhores oportunidades de grande parte da parcela de trabalhadores. Além disso, a remuneração mencionada pela amostra como algo predominantemente importante, seja como fonte de motivação para permanecer em um emprego, seja para buscar outro, relaciona-se, também, como o meio que possibilita a aquisição material a qual permite a realização dos objetivos almejados, conforme se pode observar no relato de D5: “Ah, é bom para a gente conseguir o que a gente quer, os objetivos que a gente quer, né, ajudar a família.” (informação verbal), bem como na verbalização de AD3: “[...] eu tenho o sonho de comprar minha casa própria, comprar um carro melhor para mim e para meu marido, comprar os móveis, então, preciso trabalhar.” (informação verbal). Em estudo realizado por Morin, Tonelli e Pliopas (2007) sobre o trabalho e seus sentidos para jovens executivos brasileiros, o tema remuneração também foi mencionado por todos os membros da amostra, e os autores pontuam que:

[...] o indivíduo se percebe trabalhando muitas horas nos dias atuais para poder progredir na escala hierárquica, passar a receber remunerações maiores e poder conquistar seus sonhos, ter mais tempo disponível, ganhar o suficiente para poder sustentar os filhos, adquirir moradia e atingir uma melhor qualidade de vida. (MORIN; TONELLI; PLIOPAS, 2007).

Outro significado presente na fala de quatro dos entrevistados, sendo três AD e um D, foi o trabalho como fonte de bem-estar, o que possibilita a satisfação pessoal do sujeito, como confirmado na verbalização de AD6:

[...] é uma forma também de você se sentir útil, de você não ficar só em casa, eu fiquei um tempo em casa, mas me sentia naquele tédio de só ficar em casa, só serviço de casa o dia inteiro pelo menos aqui eu me distraio um pouco, esqueço meus problemas, venho para cá e deixo minha casa para lá, aqui eu me ligo no meu trabalho. (informação verbal).

Tal resultado vem ao encontro da pesquisa de Coda e Falcone (2004), na qual os autores destacam, a partir de seus resultados obtidos com uma amostra de executivos, que o sujeito atribui ao trabalho um significado, uma função, pautada em seus anseios e obrigadoriedades, convertendo-se em uma ferramenta que possibilita a satisfação das pessoas. Verificou-se presente, também, nesse mesmo significado, que o trabalho detém um sentido nobre na vida desses sujeitos relacionado ao sentido de utilidade, isso se evidencia nas falas de AD10 e de D4, visto que este último, relacionando o trabalho à garantia de sobrevivência, liga também o trabalho ao sentido de bem-estar:

Pra mim é tudo, ficar uma vida sem trabalhar eu não consigo me ver, porque sempre, de uma forma ou de outra, sempre trabalhei [...] então para mim o trabalho é tudo na vida de uma pessoa [...] porque a gente se sente mais útil, a gente sei lá [...] mais [...] uma pessoa que está batalhando que não está ali parada, deixando o tempo passar. (AD10).

[...] o trabalho garante tudo, né, a alimentação, a dívida que a gente faz, que se a gente tem alguma coisa é por causa do trabalho, o bem-estar, né, tudo. Sem trabalho a pessoa não pode ter nada, do que vai sobreviver, né? (D4) (informações verbais).

Nesse sentido, Morin (1997) apresenta, por meio de suas pesquisas, o grau de importância que o trabalho exerce sobre a sociedade, em que 80% das pessoas afirmam que mesmo se tivessem muito dinheiro para viver tranquilamente suas vidas, sem ter a necessidade de trabalhar, elas trabalhariam do mesmo jeito, sendo as principais razões consideradas por esse público as seguintes: “[...] para se relacionar com outras pessoas, para ter o sentimento de vinculação, para ter algo que fazer, para evitar o tédio e para ter um objetivo na vida.” (MORIN, 1997). Além disso, os entrevistados expressaram que o trabalho, como fonte de bem-estar, também deve estar relacionado ao prazer, o que se confirma no depoimento de AD2: “Eu acho que se você gosta do que faz é bom, é uma coisa que te ajuda bastante, não te deixa tanto pensando em besteira, te ocupa fisicamente e mentalmente.” (informação verbal). Em estudo realizado por Morin, Tonelli e Pliopas (2007), o mesmo resultado apareceu; por meio da amostra se infere que quanto mais sentido o trabalho exercer na vida da pessoa mais prazer e apreciação o sujeito terá ao desempenhar suas atividades.

No que se refere ao significado do trabalho como fonte de aprendizagem, este foi mencionado somente no relato de AD7, o qual diz que: “Trabalho é desenvolver alguma atividade que remeta o cérebro a um novo aprendizado, trabalhar melhor, desenvolver mais.” (informação verbal). Nesse sentido, o significado do trabalho mencionado por esse entrevistado fica consonante ao resultado obtido na pesquisa de Morin, Tonelli e Pliopas (2007), na qual este mesmo dado foi apresentado pelos sujeitos da amostra, os quais inferem que o trabalho não faz sentido quando não permite explorar o potencial de desenvolvimento e de habilidades das pessoas.

O sujeito AD8 relata: “Eu acho que o trabalho é importante principalmente quando você consegue [...] começar embaixo e ir crescendo, tipo valorizando o seu trabalho, você se esforçando, para mim é importante, fundamental você crescer, não simplesmente continuar sempre ali no mesmo.” (informação verbal). Desse modo, evidencia-se o significado do trabalho relacionado à carreira como fonte que possibilita o crescimento profissional. Considerando esse dado ser atribuído a um entrevistado da amostra de admitidos, pode-se considerar que tal resultado pode ser característico à fase em que esse sujeito está vivenciando, haja vista que está iniciando suas atividades em um novo local de trabalho e traz consigo expectativas e anseios diante das novas oportunidades, as quais almeja que surjam. Os dados obtidos na pesquisa de Morin, Tonelli e Pliopas (2007) vêm ao encontro do resultado supracitado, pois o tema crescimento, como elemento que traduz o significado do trabalho, revela a expectativa desse indivíduo ao ingressar na organização.

Dessa forma, os conceitos e os significados que os trabalhadores atribuem aos seus trabalhos podem ser pesquisados à luz de distintas disciplinas, assim como por diferentes perspectivas teóricas, haja vista que se tratam de constructos particulares do psiquismo humano, decorrentes da relação do sujeito com o trabalho, bem como das variáveis pessoais e ambientais (TOLFO; PICCININI, 2007), e isso faz com que haja essa multidisciplinaridade de conotações e significados.

3.3 NÍVEL DE SAÚDE MENTAL

O teste Questionário de Saúde Geral (QSG) de Goldberg (1996), aplicado nesse público-alvo, propôs-se investigar aspectos referentes à saúde mental dos sujeitos por meio de cinco variáveis: estresse psíquico, desejo de morte, desconfiança no desempenho, distúrbios do sono e distúrbios psicossomáticos. Além disso, o

teste dispõe de uma variável geral que permite analisar se a saúde mental do sujeito se encontra preservada ou não. A Tabela 3 possibilita visualizar os resultados apresentados pela amostra dessa investigação.

Tabela 3 – Resultados da amostra

	Médio		Alto		Total	
	AD	D	AD	D	AD	D
Variável geral	7	9	3	1	10	10
Estresse psíquico	7	9	3	1	10	10
Desejo de morte	6	8	4	2	10	10
Desconfiança no desempenho	7	10	3		10	10
Distúrbios do sono	7	9	3	1	10	10
Distúrbios psicossomáticos	8	10	2		10	10

Fonte: os autores.

Com base na variável geral, que indica a ausência de distúrbios que dificultam ou impossibilitam um funcionamento normal, é possível constatar que tanto a amostra de admitidos quanto a amostra de desligados, em sua maioria (16), apresentaram índices equivalentes à média esperada, sendo sete admitidos e nove desligados, e quatro sujeitos classificaram-se no índice alto, entre estes três admitidos e um desligado.

Para os 16 sujeitos que apresentaram índice equivalente à média esperada, destaca-se que, no momento da realização da pesquisa, estes encontravam-se com a saúde geral preservada. No entanto, entre esses sujeitos, verificou-se que um admitido e um desligado, embora tenham apresentado índice mediano, encontram-se com nível em saúde geral dentro de categorias consideradas de risco, ou seja, tal resultado sugere o comprometimento na saúde mental caso o indivíduo não apresente mudanças em seus hábitos.

Esse instrumento permite também analisar cinco variáveis, as quais a seguir são apresentadas e descritas à luz da literatura e da realidade empírica vivenciada pelo público-alvo desta investigação.

Na variável estresse psíquico, é possível verificar que quanto aos níveis de estresse dentro da média, o qual indica que o indivíduo consegue lidar com fatores estressantes, mantendo sua integridade emocional, na amostra 16 sujeitos encontram-se nesse nível, sendo sete admitidos e nove respondentes da amostra de desligados. Quanto ao índice alto, quatro sujeitos classificaram-se nele, sendo três admitidos e um desligado.

No que diz respeito ao índice médio, tal resultado não evidencia a ausência de estresse nesses sujeitos, mas que não fazem dele um fator desencadeador de sofrimento. Nesse nível, sugere-se que o estresse vivenciado seja aquele compatível com o estresse corriqueiro ou com aquele em que Dolan (2006) pontua como *eustresse* ou estresse positivo, o qual se caracteriza como um estresse em que não ultrapassa os limites do sujeito, ou seja, não é em demasia, não comprometendo a esfera individual, social e profissional do indivíduo. Ainda, infere-se que entre os sete respondentes da amostra de admitidos um destes apresentou percentil nesse fator dentro de categorias consideradas de risco, encontrando-se, assim, próximo ao limite, o que pode apresentar sintomas compatíveis ao estresse.

Quanto ao alto índice de estresse apresentado por alguns sujeitos, este indica que eles não estão conseguindo lidar com os fatores estressantes, bem como resistir às tensões cotidianas. Com base nos resultados citados, observa-se que a amostra de admitidos concentra um índice maior (3) de estresse quando comparada à amostra de desligados (1). Tal efeito pode ser reflexo de um conjunto de variáveis, as quais devem ser consideradas, como os fatores interpessoais e os biopsicossociais do público-alvo. Vale considerar também que esse resultado pode representar o avanço do mercado de trabalho, o qual se configura com fortes exigências quanto à qualidade e à produtividade; no entanto, nem todas as pessoas conseguem lidar com isso, tornando-se, assim, fontes propulsoras de estresse, o que Ballone (2008) pontua como a superação dos “limites adaptativos” do sujeito.

Nesse sentido, o mesmo autor compreende que:

No ambiente de trabalho os estímulos estressores são muitos. Podemos experimentar ansiedade significativa (reação de alarme) diante de desentendimentos com colegas, diante da sobrecarga e da corrida contra o tempo, diante da insatisfação salarial e, dependendo da pessoa, até com o tocar do telefone. (BALLONE, 2008).

Contudo, vale ressaltar que o estresse deve ser considerado uma variável que influencia diretamente a compreensão de trabalho e saúde ou doença mental, fato que vem ao encontro do descrito por Fernandes et al. (2006, p. 4): “A noção de estresse vem sendo apreendida como um conjunto de reações que um organismo desenvolve quando submetido a situações que desafiam o seu equilíbrio adaptativo, expressando as vicissitudes e os impactos da vida urbano-industrial sobre as subjetividades.”

Em relação à variável evidência do desejo de morte, por meio do desgaste emocional perante as situações, 14 entrevistados apresentaram índices equivalentes à média esperada, sendo seis admitidos e oito desligados. No que se refere ao índice alto, seis sujeitos se classificaram nele, destes, quatro admitidos e dois desligados.

Desse modo, faz-se pertinente pontuar que a maioria dos índices (14), de ambas as amostras, gira em torno dos índices compatíveis com a média esperada, permitindo identificar a ausência de condições de desejo de morte. Denota-se que há um número, seis, que para esse fator pode ser considerado expressivo, principalmente no que se refere à amostra de ingressantes, pois permite identificar a possibilidade de esses sujeitos encontrarem-se em sofrimento psíquico já ao adentrarem a organização. Isso pode acarretar dificuldades quanto ao desenvolver as habilidades necessárias ao desempenho das atividades laborais, haja vista que poderão trabalhar em atividades que envolvem desde o abate até os cortes da matéria-prima. É nesse contexto que Barreto e Heloani (2011) pontuam que a ideação suicida no local de trabalho é algo que vem aumentando significativamente nos últimos tempos e, para esses autores, tal resultado pode ser considerado como consequência tanto da administração quanto dos meios de produção, o que leva ao desencadeamento de diferentes patologias. Não obstante a isso, os postos de trabalho incidem significativamente sobre a saúde ou a doença, pois: “[...] as doenças e o sofrimento ocorrem e aparecem como fatores naturais de um ambiente desnaturado. Se estes fatos não forem tidos como relevantes na arquitetura organizacional, faz-se mister uma intervenção secundária, o que significa identificar as raízes da violência em toda a empresa [...]” (BARRETO; HELOANI, 2011, p. 183).

Assim, cumpre pontuar que sintoma atrelado a esse fator deve ser considerado um alerta para a organização.

Sobre a variável que verifica a desconfiança do próprio desempenho, 17 sujeitos classificaram-se no índice compatível com a média esperada, entre estes sete entrevistados da amostra de admitidos; um destes apresentou percentil para esse fator dentro de categorias consideradas de risco, o que se entende como um resultado sugestível ao desenvolvimento de sintomas que podem levá-lo a não apresentar autoconfiança. Em contrapartida, os sujeitos da amostra de desligados, em sua totalidade (10), apresentaram índices equivalentes à média esperada. No que se refere ao índice alto, apenas os sujeitos da amostra de admitidos apresentaram tal resultado, o qual foi evidenciado em três entrevistados.

Dessa forma, percebe-se que essa variável vem ao encontro do que foi pontuado anteriormente na variável desejo de morte, pois se verificou que os ingressantes apresentavam, para algumas situações, possível desgaste emocional o qual poderia resultar na dificuldade de enfrentamento. Uma vez que o indivíduo comungue desse sentimento, conseqüentemente poderá vivenciar a mesma dificuldade para acreditar em si mesmo, bem como em sua autoeficácia diante da realização de suas tarefas.

Na variável distúrbios do sono, 16 sujeitos de ambas as amostras classificaram-se no índice médio, entre estes sete admitidos e nove desligados. Sobre o índice alto, quatro entrevistados, sendo três admitidos e um desligado, classificaram-se nesse índice.

Vale ressaltar que esse dado se configura como extremamente importante, haja vista que se reflete em diversos contextos da vida do indivíduo. Ainda, está intimamente relacionado ao bem-estar do sujeito, bem como à maneira como este se posiciona, o que sugere, por exemplo, condições que permitam manter o equilíbrio em situações corriqueiras do dia a dia. Entretanto, um admitido e um desligado apresentaram índice para essa variável dentro de categorias consideradas de risco, ou seja, resultado muito próximo a sintomas que podem levá-los a apresentar distúrbios do sono, caso não mudem de hábito.

No índice alto, três admitidos e um desligado obtiveram essa classificação, indicando que se encontram com dificuldades quanto ao descanso necessário à manutenção de uma vida saudável. E, ainda, essa variável vem incidir no índice de estresse, identificado na variável estresse psíquico como alto, haja vista que se observaram como os mesmos respondentes em ambas as variáveis: estresse psíquico e distúrbios do sono. Assim, é passível de observação que esse aspecto refletirá em outros contextos da dimensão humana, em que estes podem se tornar mais suscetíveis ao estresse.

Em pesquisa realizada por Glina et al. (2001, p. 614), com base nas anamneses e nos prontuários de sete casos de saúde mental dos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador de Santo Amaro e André Gobis, verificou-se a existência tanto do distúrbio do sono quanto do distúrbio psicossomático presentes no diagnóstico dos quadros clínicos, em que “[...] nos casos 2, 5 e 7 ocorreu contaminação involuntária do tempo de lazer, ou seja, os trabalhadores sonhavam com o trabalho, não conseguiam desligar-se.” Tais casos clínicos estavam todos atrelados à situação de trabalho dos sujeitos. Assim, o distúrbio do sono no trabalhador compromete o seu descanso efetivo, o qual se compreende como extremamente necessário para o bem-estar do indivíduo.

Em relação à variável distúrbio psicossomático, 18 entrevistados apresentaram índices compatíveis com a média esperada, sendo oito sujeitos da amostra de admitidos e 10 respondentes da amostra de desligados. Apenas dois sujeitos admitidos classificaram-se no índice alto. Contudo, dois sujeitos da amostra de admitidos e um sujeito da amostra de desligados apresentaram percentil dentro de categorias de risco, ou seja, embora a maioria dos admitidos (8) e a totalidade da amostra de desligados apresentem resultados medianos, há uma parcela (3) desses sujeitos que se encontra suscetível ao desenvolvimento de sintomas compatíveis aos distúrbios psicossomáticos, sinalizando estado de alerta tanto para eles quanto para a organização, caso não procurem mudar seus hábitos.

É possível verificar que novamente a classe de admitidos se manteve com maiores incidências (2) no que diz respeito ao nível alto. Nesse sentido, o resultado alude que esses sujeitos têm se sentido mais propensos a desenvolver problemas de ordem orgânica, como: “Sentir-se mal de saúde, dores de cabeça, fraqueza e calafrios.” (GOLDBERG, 1996, p. 24). Vale ressaltar que os distúrbios psicossomáticos e os distúrbios do sono são variáveis que influenciam significativamente o processo de saúde ou doença mental, e ambos mantiveram índice alto na amostra de admitidos.

Nesse contexto, em pesquisa realizada por Godinho (2003, p. 89) em uma empresa do ramo siderúrgico, com base nos resultados do instrumento QSG, foi possível verificar na amostra a presença de distúrbios psicossomáticos; não obstante, a autora, em sua análise, destaca que “[...] esses distúrbios, quando se manifestam de forma crítica, são grandes responsáveis por ausências ao trabalho, baixas produtividades e até mesmo acidente de trabalho.”

Contudo, os resultados permitem identificar, por meio da análise em sua forma individual, que a boa saúde não contempla toda a amostra, uma vez que três admitidos e um desligado apresentaram alto índice na variável geral, a qual indica a presença de distúrbios que dificultam ou impossibilitam um funcionamento normal. Godinho (2003, p. 93), em pesquisa realizada com 103 participantes representantes das áreas industriais de uma empresa do ramo siderúrgico, destaca a importância de se buscar entender a relação entre homem e trabalho, pois “Empresas com equipes doentes, desmotivadas, cansadas, são empresas doentes e

com um forte indício ao fracasso.” Segundo a autora, esse fator refletirá na saúde geral dos sujeitos, bem como na qualidade de vida no trabalho (QVT) deles.

Diante do exposto, observou-se que no índice alto, em todas as variáveis, a amostra de admitidos sobressaiu-se em relação à amostra de desligados. Tal resultado permite verificar que a classe ingressante se apresenta mais suscetível ao desenvolvimento de distúrbios psiquiátricos, haja vista que além de apresentarem uma saúde mental fragilizada, esses sujeitos evidenciam o desejo de acabar com a própria vida por não identificarem possibilidades de enfrentamento diante de situações de desgaste emocional. Considerando que eles terão que manusear facas como ferramenta de trabalho, os indicativos pontuados até então permitem constatar que esses sujeitos podem comprometer o rendimento, a qualidade e o desenvolvimento de seu trabalho, bem como apresentar possíveis problemas de ordem psíquica, caso não sejam tratados em tempo. Ainda, é possível verificar que alguns entrevistados, embora tenham apresentado índices compatíveis com a média esperada, encontram-se muito próximos ao possível desenvolvimento de patologias, caso os hábitos não sejam mudados. Nesse contexto, mais uma vez ressalta-se uma possível falha na contratação, já que tais sintomas devem ser evidenciados ainda no processo de seleção, com o intuito de preservar a organização, bem como de não expor o sujeito a um ambiente considerado de risco, principalmente em razão das ferramentas de trabalho a serem utilizadas.

4 CONCLUSÃO

Ao término da presente pesquisa, é possível reconhecer que a saúde mental dos entrevistados se apresentou comprometida, principalmente na variável desejo de morte, na qual quatro admitidos e dois desligados apresentaram indícios para o desenvolvimento de problemas de ordem psíquica, os quais tendem a comprometer a boa saúde, tanto em nível pessoal quanto profissional. Embora esse resultado não contemple todos os membros da amostra, vale ressaltar que os índices altos, os quais sugerem que a boa saúde se encontra comprometida, devem ser considerados um alerta para a organização, pois indicam que há sujeitos que compõem a força de trabalho com sua saúde mental fragilizada. Além disso, os resultados que apontam problemas relacionados à saúde do trabalhador mantiveram incidência maior na amostra de admitidos, dado relevante e que deve ser considerado pela estrutura organizacional da empresa. Ou seja, é passível de observação que as pessoas que estão entrando para compor o quadro de colaboradores da empresa se encontram com a saúde mental comprometida, o que deveria ser identificado ainda no processo de seleção.

A rotatividade da empresa acontece com o público jovem. Observando as características dessa parcela de trabalhadores é de suma importância que a organização busque meios que possibilitem a atração e a retenção desse público.

Tais resultados vêm corroborar o significado do trabalho na vida desses sujeitos. Ainda que alguns entrevistados tenham atribuído mais de um significado ao trabalho, este se sobressaiu atrelado ao ganho financeiro, sendo sete entrevistados da amostra de admitidos e a totalidade da amostra de desligados. Tal resultado permite inferir que para esse público-alvo, que em sua maioria se caracteriza como jovens, a valorização salarial seria uma forma de atração e retenção da força de trabalho.

Nenhum entrevistado atribuiu ao trabalho um aspecto ou significado negativo, o que permite identificar que apesar da dinâmica existente para conceituar o significado do trabalho, haja vista que se trata de um constructo subjetivo, volta-se ao panorama de que o trabalho é uma atividade essencial para o homem, a qual possibilita a ele a construção de sua própria identidade enquanto sujeito biopsicossocial.

Contudo, os resultados apontados visam contribuir e oferecer possibilidades de investigação e intervenção na estrutura organizacional, uma vez que as atividades operacionais oferecidas não se configu-

ram como atrativas para a mão de obra, pois são atividades pesadas, em ambientes frios ou quentes e que exigem ritmo intenso de trabalho.

Por fim, a necessidade de estudos constantes e sistemáticos permeia essa demanda, em virtude dos novos modelos de gestão nas organizações, que se refletem na relação entre homem e trabalho. Não obstante, o trabalho é um fator desencadeante no processo de saúde ou de doença mental, e, por isso, é necessário pensar na Psicologia do Trabalho e na Psicologia Organizacional como áreas que podem auxiliar os trabalhadores e a organização a consolidarem uma relação harmoniosa, na qual qualidade de vida do sujeito seja prioridade.

REFERÊNCIAS

BALLONE, G. J. Estresse e Trabalho. **Psiquweb**, 2008. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=67>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BARRETO, M. M. S.; HELOANI, J. R. M. Da violência moral no trabalho à rota das doenças e morte por suicídio. In: VIZZACCARO-AMARAL, A. L.; MOTA, D. P.; ALVES, G. (Org.). **Trabalho e Saúde: a precarização do trabalho e a saúde do trabalhador no século XXI**. São Paulo: LTr, 2011.

BORGES, L. de O.; TAMAYO, Á. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **Revista Psicologia: Organização e Trabalho**, Brasília, DF, v. 1, n. 2, p. 11-44, jul./dez. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/6712>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Características do emprego formal segundo a relação anual de informações sociais – 2012**. 2012. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/portal-mte/rais/#2>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

CAMARANO, A. A. Considerações Finais: transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CARVALHO, A. M. T. de. Trabalho e higiene mental: processo de produção discursiva do campo no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, mar./jun. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000200007-&lng=en&nrm=iso&tlng-pt>. Acesso em: 15 maio 2014.

CODA, R.; FALCONE, G. F. Em busca do significado do trabalho: relato de um estudo qualitativo entre executivos. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 6, n. 14, p. 7-18, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/947/94761402.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. Tradução Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez, 1992. Tradução de: Travail, Usure Mentale.

DOLAN, S. **Estresse, Autoestima, Saúde e Trabalho**. Tradução J. Simões. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

FERNANDES, F. S.; GONÇALVES, C. M.; OLIVEIRA, P. J. Adaptação e validação da Escala de Significados Atribuídos ao Trabalho – ESAT. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 183-195, jun./dez. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v13n2/06.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2013.

- FERNANDES, J. D. et al. Saúde mental e trabalho: significados e limites de modelos teóricos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 5, set./out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692006000500024&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 05 ago. 2013.
- GIL, A. C. Como classificar as pesquisas? In: GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 25-43.
- GLINA, D. M. R. et al. Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre o nexos com o trabalho e o diagnóstico, com base na prática. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 607-616, maio/jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v17n3/4643.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2014.
- GODINHO, A. L. de A. **Avaliação da saúde mental dos trabalhadores de uma empresa siderúrgica**. 2003. 96 p. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Engenharia)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3677/000391206.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 jun. 2014.
- GOLDBERG, D. P. **Questionário de saúde geral de Goldberg: manual técnico QSG**. Tradução Luiz Pasquali et al. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua 4º trimestre de 2013**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_2013_04_trimestre_caderno.pdf>. Acesso em: 06 maio 2014.
- IBGE. **Primeiros resultados da pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua 2012 e 2013**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_201302caderno.pdf>. Acesso em: 06 maio 2014.
- JACQUES, M. da G. C. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 97-116, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000100006>. Acesso em: 27 ago. 2013.
- JARDIM, S. R.; RAMOS, A.; GLINA, D. M. Diagnóstico e nexos com trabalho. In: GLINA, D. M. R.; ROCHA, L. E. (Org.). **Saúde mental no trabalho: da teoria à prática**. São Paulo: Roca, 2010.
- LADEIRA, L. B.; COSTA, D. V. F.; COUTO, M. P. C. O conflito de gerações e o impacto no ambiente de trabalho. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 4., 2013. **Anais eletrônicos...** 2013. Disponível em: <http://www.excelenciaemgestao.org/Portals/2/documents/cneg9/anais/T13_0574_3783.pdf>. Acesso em: 06 maio 2014.
- LEÃO, L. H. da C. Psicologia do trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. **Revista de Psicologia – Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/issue/view/188>>. Acesso em: 05 ago. 2013.
- MATTOS, E. de; CHAVES, A. M. As representações sociais do trabalho entre adolescentes aprendizes – um estudo piloto. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 66-75, dez. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v16n3/08.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.
- MORIN, E. M. Le sens du travail pour des gestionnaires francophones. **Revue Psychologie du Travail et des Organisations**, v. 3, n. 2-3, p. 26-45, 1997. Disponível em: <https://www.usherbrooke.ca/psychologie/fileadmin/sites/psychologie/espace-etudiant/Revue_Interactions/Volume_3_no_1-2/V3N1-2_MORIN_Estelle_p229-240.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2013.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-0102-71822007000400008#n1a>. Acesso em: 07 ago. 2013.

MORIN, E. M.; TONELLI, J. M.; PLIOPAS; A. L. V. O trabalho e seus sentidos. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, p. 47-56, 2007. Edição especial. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea08.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

MOSQUERA, J. J. M. **Pessoas, trabalho e significado**. 2004. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/feecultura/2004/agosto/palestra.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

RELATÓRIO ANUAL SOCIOECONÔMICO DA MULHER. **Presidência da República**: Secretaria de Políticas para as Mulheres. Brasília, DF, nov. 2013. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2013/raseam-interativo>>. Acesso em: 23 maio 2014.

ROTHMANN, I.; COOPER, C. Introdução à psicologia organizacional e do trabalho. In: ROTHMANN, I.; COOPER, C. (Org.). **Fundamentos de Psicologia Organizacional e do Trabalho**. Tradução Luiz Claudio de Queiroz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. Tradução de: Organizational and Work Psychology.

TOLFO, S. da R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, p. 38-46, 2007. Edição especial. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea07.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

UCHIDA, S.; LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. Contribuições da psicodinâmica do trabalho para o desenvolvimento de ações transformadoras no processo laboral em saúde mental. In: GLINA, D. M. R.; ROCHA, L. E. (Org.). **Saúde mental no trabalho: da teoria à prática**. São Paulo: Roca, 2010.

VASCONCELOS, A.; FARIA, J. H. Saúde mental no trabalho: contradições e limites. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 453-464, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n3/16.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B. (Org.). Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.